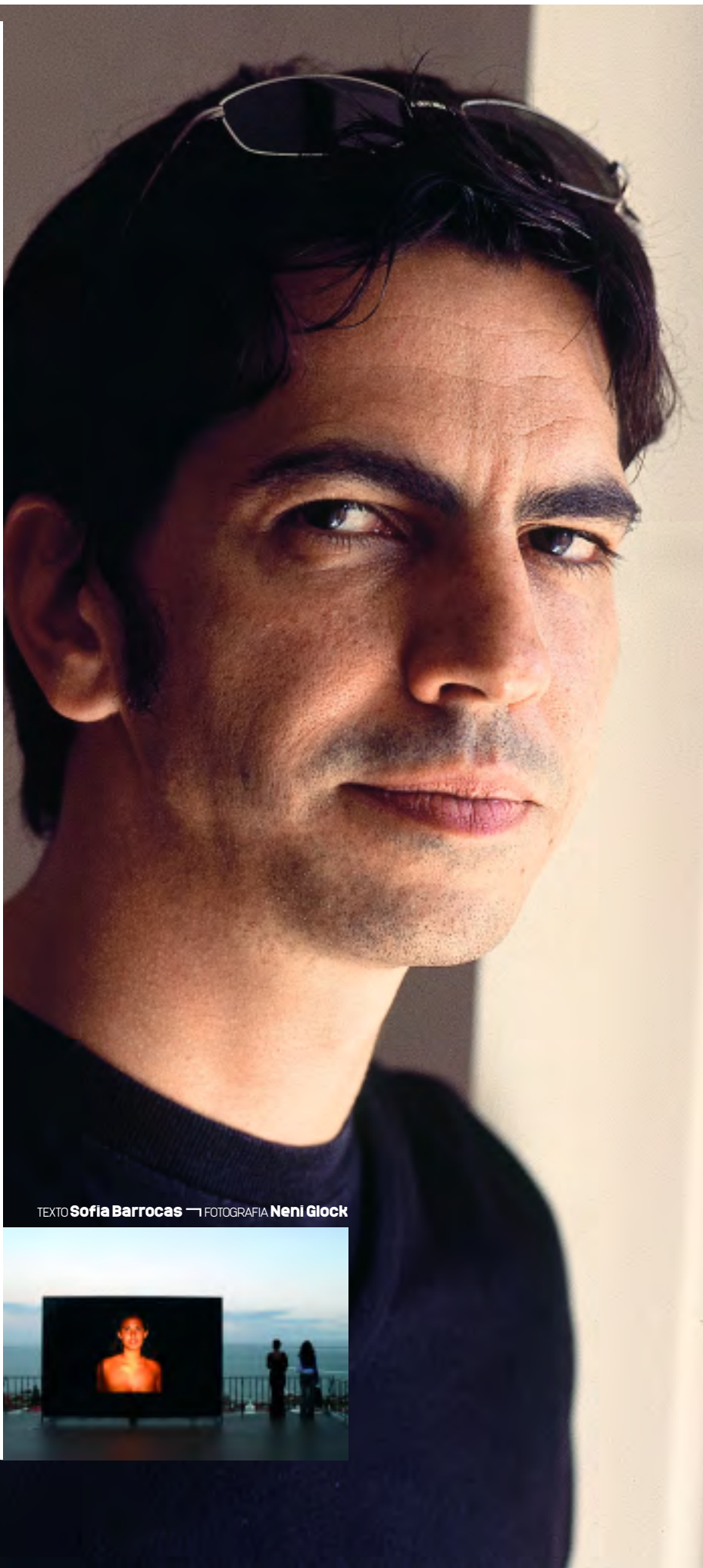


Gostaria que as pessoas «sentissem» antes de pensar, que a abordagem que fizessem ao seu trabalho fosse mais emocional do que racional, que os «espectadores» da sua obra «convocassem os sentimentos amorosos para sentir» quando a olham. Gerald Petit, 33 anos, foi um dos artistas convidados para a Luzboa 2006, a bienal de arte pública contemporânea que iluminou as noites de Lisboa no final de Setembro. Petit, que nasceu e vive em Dijon (França), trouxe a Portugal *Nightshot #2*, uma caixa de luz semelhante a um dispositivo publicitário que pretendia ser uma homenagem à humanidade e ao universo. E também ao seu «amor português», às paixões da adolescência: a mãe é portuguesa e Gerald Petit passou cá muitas férias. A mulher fotografada na instalação que trouxe a Lisboa resultou de um *casting* feito em Portugal: «Esta pessoa, para mim, é um reencontro com um sítio, com paisagens, emoções.» Gerald diz mesmo que «se tenho alguma coisa de português, é esse lado melancólico. Sou muito ligado ao fado, aos sentimentos de nostalgia, aos laços entre passado e presente que nos transportam para o futuro». Aliás, todo o seu trabalho tem sido uma busca de «situações de encontro» e daí a preferência pela fotografia como base para a construção de uma imagem – «gosto desta possibilidade de manipular a realidade da fotografia». Para a Luzboa também trouxe «um reencontro», para o qual criou, de propósito, «um momento visual». Os próximos projectos passam por vir a Portugal apresentar o seu trabalho, mas antes vai montar, em Montpellier (França), «uma grande paisagem, no solo, feita em plasticina».

Reencontros

Enquanto não chegam a Portugal, os trabalhos de Gerald Petit podem ser vistos *online* em www.luzboa.com; www.theartroomlis.com (The ArtRoom – Caroline Pagès) e em www.geraldpetit.net.



TEXTO Sofia Barrocas — FOTOGRAFIA Neni Glock

